

"O médico se transforma no intermediário vivo entre nós e a multidão dos mortos. Nos pertence a nós e também lhes pertence a eles. E o consolo, real por mais duro que seja, que nos oferecem a través seu é também o da fraternidade.

Seria um grande erro concluir que o que quer o doente é um médico *simpático*; isso significaria "normalizar" o que acabo de dizer. As esperanças do doente e as suas demandas, por mais que a experiência previa a contradiga, por mais que estejam banhadas de ceticismo, por mais que sejam tácitas inclusive para ele mesmo, são muito más profundas e exatas.

A função da fraternidade é o reconhecimento".

J. Berger, *Un hombre afortunado*. Alfaguara, Madrid 2008.  
(Traducción de este fragmento al portugués por Araceli Teixidó)

## **Comentário**

*Cristiane de Freitas Cunha Grillo*<sup>1</sup>

O paciente habitualmente apresenta uma demanda ao médico, que muitas vezes interpreta e desvela o modelo biotecnológico atual. É frequente o pedido de exames complementares, antes restritos à tríade – exames de sangue, fezes e urina e hoje já mais sofisticados – tomografia, ressonância, etc. Quando o paciente se dirige a um profissional que trabalha na atenção primária (clínico geral, pediatra, médico de família) comumente há a demanda do especialista. Os especialistas – são muitos, um para cada fragmento corporal, e os exames de imagem se tornam assim objetos demandados ao médico. Esse médico, clínico, é dessa forma, desvalorizado por sua desespecialização ou pela sua especialização no ser humano, de forma menos fragmentada. Ele pode se conformar com essa posição, de prescritor de especialistas, exames e fármacos ou assumir sua desespecialização, se interessando vivamente por aquilo que está presente na relação médico-paciente, mas muitas vezes velada para ambos: a falha epistemossomática entre demanda e desejo.

É nessa falha, nesse intervalo, que o sujeito pode advir, de um lado e de outro, e uma relação transferencial pode ser construída. Um médico já advertido dessa fratura entre demanda e desejo, pode responder de outra maneira, sem recorrer à prescrição automática, obediente à demanda. Ele pode oferecer uma escuta atenta, produzindo uma reconfiguração da demanda, ao surpreender o paciente com uma resposta inesperada. Ele pode tomar o paciente como um sujeito, sempre falho e barrado, mas muito além de um monte de peças soltas.

---

<sup>1</sup> Psicanalista – EBP/AMP, Professora Titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais